

Efeitos de um Programa de Capacitação de Sustentabilidade em Catadores Paulistas de Materiais Recicláveis

DANIEL MARTINS ABELHA

LILIANA VASCONCELLOS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

ANA CAROLINA FERREIRA DE SIQUEIRA

EDUARDO PINHEIRO GONDIM DE VASCONCELLOS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

Introdução

O desenvolvimento de políticas públicas sustentáveis é um desafio enfrentado por governos, em especial, programas que busquem conscientizar e educar a sociedade para ações neste sentido.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Investigar os efeitos de um programa de capacitação para catadores paulistas de materiais recicláveis e suas comunidades

Fundamentação Teórica

Embora haja pesquisas sobre educação para sustentabilidade na Administração, ainda não se tem visto na prática efeitos consideráveis destes conhecimentos para o progresso de comunidades (Aragon-Correa et al., 2017). Para Waddock e Lozano (2013), os efeitos pedagógicos dos cursos proporcionam nos educandos competências que permitem um autodesenvolvimento holístico, que integre conscientização crítica com práticas de gestão alinhadas a valores éticos e sustentáveis que pode ser analisadas o modelo pioneiro Triple Bottom Line de John Elkington (1998).

Metodologia

Abordagem qualitativa, da pesquisa documental em campo e entrevistas realizadas com 22 catadores de materiais recicláveis que atuam em cooperativas e de forma autônoma. A análise teve como suporte os modelos teóricos de mensuração da sustentabilidade do Triple Bottom Line, de avaliação de programas de capacitação de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), e da análise categórica de Flores (1994).

Análise dos Resultados

Foram identificadas 10 categorias a respeito da percepção dos catadores sobre os efeitos do programa de capacitação. Notou-se que cada grupo de entrevistados trouxe consigo uma bagagem diferente de experiências. Isso fez com que eles percebessem de forma distinta os efeitos do programa de capacitação. Constatou-se de uma forma geral que, o oferecimento de um conhecimento básico acessível a todos os participantes do programa resultou em contribuições nos níveis econômico, social e ambiente.

Conclusão

Do ponto de vista econômico, foram relatadas melhorias nas funções cotidianas dos catadores como o processo de separação dos resíduos, identificação daqueles que apresentam maiores valores financeiros entre outros. Quanto aos efeitos sociais, foram relatadas melhorias na imagem profissional do catador, através da conscientização dos stakeholders sobre a sua atuação para as diferentes camadas sociais. Pela perspectiva ambiental, a principal contribuição foi a conscientização a respeito da relevância da atuação do catador para o ambiente.

Referências Bibliográficas

Elkington, J. (1998). *Cannibals with forks: The Triple Bottom Line of 21st century business*, 2nd ed., Capstone Publishing Ltd, Oxford. Dutra, J. S., Fleury, T. L., & Ruas, R. (2008). *Competências: conceitos, métodos e experiências*. SP: Atlas. Flores, J. G. (1994). *Análisis de dados cualitativos: aplicaciones a la investigación educativa*. Barcelona: PPU, p. 7-107.

Palavras Chave

Catadores de Materiais Recicláveis, Cooperativas, Educação para Sustentabilidade.

Agradecimento a órgão de fomento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE EM CATADORES PAULISTAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

1. INTRODUÇÃO

Temáticas como ética, responsabilidade social e sustentabilidade têm despertado o interesse de acadêmicos e gestores públicos, onde se tem visto organizações até então sólidas enfrentarem crises devido a atitudes antiéticas de suas lideranças, dando margem ao surgimento de inconvenientes organizacionais, como escândalos financeiros, casos de corrupção e degradação ambiental.

Como forma de enfrentar esses desafios e incentivar a conscientização cívica da sociedade, a academia tem investido nesta última década em pesquisas que envolvam a educação para sustentabilidade em diferentes modalidades e ambientes educacionais, através de mudanças na estrutura curricular do ensino superior, no ensino técnico, e em programas de capacitação desenvolvidos com profissionais que atuam nos diversos setores da economia (Lengyel et al., 2019; Laasch et al., 2020).

Assim, como forma de colaborar com a temática, *o presente estudo tem como objetivo investigar os efeitos de um programa de capacitação para catadores paulistas de materiais recicláveis e suas comunidades*. Como objetivos secundários, o trabalho buscou descrever o potencial de atuação deste profissional para o desenvolvimento de comunidades mais sustentáveis e seus desafios diários, vistos sobre as esferas sociais, econômicas e ambientais, através do enfrentamento de práticas discriminatórias, empregabilidade reduzida e a baixa conscientização do valor do seu trabalho pela sociedade.

Do ponto de vista teórico, o trabalho contribui com o campo da educação para sustentabilidade no terceiro setor, em especial, em programas de capacitação realizados com cooperativas e profissionais que atuam na indústria da reciclagem. Apesar de existirem estudos nacionais que investigam o contexto de cooperativas, há uma lacuna que relaciona tais entidades com programas de capacitação em sustentabilidade.

Pela perspectiva prática, o estudo colabora com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), promovidos pela Agenda-2030 da ONU, dentre alguns, o ODS 4, que trata do desenvolvimento da educação sustentável com qualidade em todos os níveis formativos, o ODS 11, que trata do crescimento de cidades e comunidades sustentáveis, e o ODS 12, que trata da conscientização sobre o consumo e produção responsáveis, através do controle da geração de resíduos e de atividades de reutilização e reciclagem de materiais em centros urbanos (UNDP, 2021).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Cooperativas e Catadores de Materiais Recicláveis

De acordo com Teodósio (2014), as organizações da sociedade civil surgem como forma de organizar ações coletivas que dão origem a lutas sociais, movimentos políticos e culturais, com a finalidade de conquistar, preservar ou ampliar direitos e valores, historicamente relegados pelas políticas governamentais, como é o caso das cooperativas de reciclagem, cujos trabalhadores têm enfrentado há décadas múltiplos desafios em sua atuação profissional e reivindicado direitos legais para sua categoria.

Para a legislação, o conceito de cooperativa seria “uma sociedade de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeita à falência, constituída para prestar serviços aos membros”. Criada de forma voluntária e orientada para a autogestão, os responsáveis compartilham de forma igualitária o poder de decisão e buscam satisfazer benefícios mútuos, como necessidades sociais e econômicas, através do desempenho de

determinada atividade (Lei 5.764, 1971; Lei 12.690, 2012). As sociedades cooperativas apresentam autonomia e sua produtividade ocorre de forma solidária entre os envolvidos. O controle de capital ocorre de forma equitativa e democrática, sendo o seu retorno reinvestido no desenvolvimento da cooperativa, e o excedente redistribuído aos cooperados na forma de remuneração proporcional a sua participação na produção (Monje-Reyes, 2011; Pinhel, 2013).

O cooperativismo se diferencia conceitualmente do associativismo, já que o último não prevê o rateio de sobras financeiras para os membros pelo desempenho de suas funções, e não se orienta para fins econômicos, mas exclusivamente sociais, cujos excedentes deverão ser reinvestidos integralmente no objetivo social da associação (Lei 5.764, 1971; Lei 12.690, 2012). Um exemplo de associação são as organizações religiosas que prestam assistência social para a população por meio da promulgação de sua fé.

As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado de comunidades e podem ser classificadas, entre outros, como as que produzem e distribuem seus produtos e serviços, como as cooperativas de catadores de materiais recicláveis (Dossa & Segatto, 2010). Estas últimas se unem para fins econômicos e para se fortalecerem para a competitividade do mercado, através da venda direta para a indústria de reciclagem. Caso contrário, se seus membros atuassem de forma individual, teriam dificuldades na produção e comercialização dos materiais (Franco, Sigahi & Saltorato, 2018).

De acordo com a legislação, “consideram-se catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis as pessoas físicas de baixa renda que se dedicam às atividades de coleta, triagem, beneficiamento, processamento, transformação e comercialização de materiais reutilizáveis e recicláveis” (Decreto 7.405, 2010). A atuação do catador se dá de forma organizada através de cooperativas ou individual de forma autônoma por meio das ruas.

O objeto de trabalho dos catadores se dá por meio do manuseio e comercialização de materiais recicláveis, encontrados nas ruas e em aterros sanitários. Vale destacar as diferenças conceituais entre “lixo” e “resíduo sólido”, já que a falta de conscientização sobre o real significado destes termos tem contribuído por décadas para a disseminação de preconceitos e discriminações contra esta categoria profissional (Pinhel, 2013). Segundo a legislação, tanto o lixo quanto o resíduo sólido são materiais descartados decorrentes de atividades humanas na sociedade. Estes materiais apresentam riscos ambientais e a saúde humana, mais ainda quando manuseados de forma incorreta. O lixo, ou “rejeito”, é todo material sem capacidade de tratamento e reutilização produtiva, demandando um destino ambientalmente adequado, como restos de alimentos e excrementos corporais. Já os resíduos sólidos apresentam capacidade de tratamento e reincorporação em processos produtivos diversos, sendo considerados materiais secundários, como plásticos, vidros e papelões (Lei 12.305, 2010; Pinhel, 2013).

2.2. Parcerias entre o Terceiro Setor para o Desenvolvimento Sustentável

As parcerias entre o terceiro setor para o desenvolvimento sustentável são um modelo institucional recente, que mescla a iniciativa do mercado privado com as competências do terceiro setor. Elas surgem como alternativa que colabora com o desenvolvimento sustentável, orientado para satisfazer demandas latentes na sociedade e de um mercado cada vez mais exigente por ações que gerem significado, solucionem problemas sociais e agreguem valor sustentável em longo prazo (Barki et al., 2017).

Como forma de buscar a relação ganha-ganha, a iniciativa privada potencializaria o desempenho de organizações do terceiro setor, como cooperativas, através do compartilhamento de conhecimentos, educação, tecnologias, produtos e serviços, contribuindo com efeitos sustentáveis em populações em estado de vulnerabilidade social e com a missão de instituições governamentais, por meio do enfrentamento de desafios sociais e desenvolvimento de políticas públicas eficazes (Barki et al., 2015).

O caso investigado neste estudo segue nesta linha, por meio de uma parceria entre cooperativas paulistas e entidades dos poderes público e privado. A Fundação e Instituto de Administração (FIA), entidade privada, com interesse social e de utilidade pública, que desenvolve projetos de capacitação e consultorias para organizações públicas e privadas (FEA, 2021), em parceria com a Prefeitura de São Paulo, com a Autoridade Municipal de Limpeza Urbana (AMLURB) e com cooperativas paulistas de catadores de materiais recicláveis, desenvolveram em conjunto programas de capacitação de sustentabilidade com a finalidade de conscientizar e aperfeiçoar a atuação de catadores de materiais recicláveis na região metropolitana paulista, e em suas comunidades locais.

2.3. Educação para Sustentabilidade em Programas de Capacitação

Na última década tem ocorrido grandes debates acadêmicos sobre a integração da educação para sustentabilidade na Administração. Embora a academia tenha sido pioneira no desenvolvimento de pesquisas neste sentido, ainda não se tem visto na prática efeitos consideráveis destes conhecimentos para o progresso de comunidades (Aragon-Correa et al., 2017). Para os autores, o ensino da sustentabilidade deve estar orientado para mudanças que permitirão organizações mais conscientes. As ferramentas educacionais devem pautar-se por processos didáticos que possibilitem aos educandos análises nítidas e convincentes de questões econômicas, sociais, ambientais e problemas atuais de relevância global, como condições de trabalho, políticas de direitos humanos, combate da corrupção, preservação de recursos naturais, consumo consciente ou redução de resíduos sólidos em grandes centros urbanos.

Para Waddock e Lozano (2013), os efeitos pedagógicos dos cursos proporcionam nos educandos competências que permitem um autodesenvolvimento holístico, que integre conscientização crítica com práticas de gestão alinhadas a valores éticos e sustentáveis. Estas competências poderiam reverberar no contexto comunitário onde atuam estes profissionais, e cujos efeitos poderiam ser analisados por meio de perspectivas econômicas, sociais e ambientais, como no modelo de sustentabilidade, entre eles o modelo pioneiro *Triple Bottom Line (TBL)*, de John Elkington (1998).

Inspirado por ideais sustentáveis, o modelo do *TBL* foi desenvolvido na década de 1990 e alcançou enorme projeção internacional em 1998. A partir deste marco, prestigiadas organizações como o *Global Reporting Initiative (GRI)*, entidade internacional que orienta organizações em questões como mudanças climáticas, direitos humanos e corrupção, vêm promovendo o conceito do modelo recomendando a sua aplicação em organizações de todo o mundo, refletindo um conjunto de valores, objetivos e processos que qualquer instituição deveria seguir para agregar valor em três dimensões básicas da sustentabilidade: econômica, social e ambiental (Elkington, 1998).

A ideia central seria a conscientização sobre o real impacto das organizações na sociedade, e cujas mesmas deveriam se guiar por pilares sociais, ambientais e econômicos, conhecidos como “*3Ps*” – *people, planet and profit*. Na dimensão social estão incluídas questões como responsabilidade social corporativa, combate de discriminações e incentivo a políticas de diversidade e justiça social, na dimensão ambiental iniciativas como conservação do meio ambiente, educação e conscientização para atividades de reciclagem, reuso e consumo consciente, e na dimensão econômica esforços como redução das desigualdades econômicas, pobreza extrema e melhoria da empregabilidade na população. Apesar de existirem outros modelos conceituais que buscam orientar as organizações para políticas de sustentabilidade, inclusive ampliando as suas dimensões de análise, o *Triple Bottom Line* tem sido um dos mais usados em instituições de todos os setores por conta do seu pioneirismo, pragmatismo e eficácia na medição de indicadores de efeitos sustentáveis (University of Wisconsin, 2021).

O conceito de “competência” seria um processo ou conjunto de aspectos que separam profissionais de alto desempenho de outros (Fleury & Fleury, 2001). Para os autores, o conceito de competência seria o “saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agregue valor econômico as organizações e valor social ao indivíduo”. Outra definição clássica de competência é a de Parry (1996), que seria um “cluster de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados que afetam a maior parte de um papel profissional ou responsabilidade, que se correlaciona com a performance desse papel ou responsabilidade, que possa ser medido contra parâmetros ‘bem aceitos’ e que pode ser melhorado através de treinamento”.

Neste sentido, todo processo de aprendizagem, mediado por programas de capacitação, permitiria o ganho de novas competências, cuja constatação do processo educacional passaria pela avaliação de uma possível mudança de atitudes e conscientização do indivíduo, que só poderiam ser mensurados se o mesmo tivesse a oportunidade de pôr em prática as competências aprendidas (Dutra, 2008). Assim, com o intuito de avaliar o processo de aprendizagem e seus reais efeitos nos capacitados, novos modelos educacionais surgiram no meio acadêmico e corporativo, dentre eles, destaca-se o modelo de Kirkpatrick & Kirkpatrick (2010), criado para a avaliação de efeitos em programas de capacitação.

O modelo teórico de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010) se baseia em quatro níveis: (i) reação, (ii) aprendizagem, (iii) comportamento, e (iv) resultados. No primeiro nível, “reação”, o modelo busca avaliar a percepção dos capacitados sobre a qualidade do programa de capacitação, se atendeu aos seus interesses e expectativas, e nível de satisfação com os conteúdos e atividades realizadas. No segundo nível, “aprendizagem”, o modelo busca avaliar se houve ganho de novas competências dos capacitados, traduzidas por meio de novos conhecimentos, habilidades e atitudes. No terceiro nível, “comportamento”, o modelo busca avaliar se houve uma real mudança comportamental do capacitado, por meio da constatação se o mesmo tem aplicado as competências aprendidas durante a sua rotina diária profissional. Por fim, no quarto nível, “resultados”, o modelo teórico de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010) busca avaliar de forma ampla os ganhos obtidos com a capacitação realizada, neste trabalho, o aperfeiçoamento de desempenho dos catadores capacitados, sua performance técnica, autoconhecimento, habilidades interpessoais, aumento da empregabilidade, e benefícios comunitários ao seu entorno, por meio do progresso econômico, ambiental e social.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de conhecer os efeitos gerados pelo programa de capacitação para catadores, foi conduzido um estudo de caso. Para Yin (2015), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que busca se aprofundar na compreensão de fenômenos sociais complexos. Trata-se de um estudo de caso único, tendo como unidade de análise o programa de capacitação estudado. Os dados foram coletados através de entrevistas, documentos e conteúdos disponíveis na internet. A seguir o caso é brevemente apresentado, assim como os procedimentos de coleta e análise dos dados.

3.1. Descrição do Caso da Pesquisa

A FIA, entidade privada e sem fins lucrativos, no primeiro semestre de 2019, prestou consultoria técnica especializada através de serviços de capacitação para 2.120 catadores de materiais recicláveis que atuavam na região metropolitana de São Paulo, sob a responsabilidade da AMLURB, entidade pública vinculada a Prefeitura de São Paulo, e em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SMDE), o Ministério do Trabalho e Emprego e a Subsecretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES).

O objetivo do projeto de consultoria foi identificar, mobilizar, sensibilizar e realizar processos articulados de formação social, técnica, profissional, política e cultural para 2.120

catadores, sendo 1.400 catadores não organizados e 720 catadores organizados em cooperativas. O projeto, que ficou conhecido como “Projeto Reciclar para Capacitar”, mostrou a relevância para a sociedade ao ressaltar o catador como ator principal da coleta seletiva, resgatando a sua cidadania por meio da capacitação em reciclagem e melhoria da qualidade de vida e empregabilidade. Os efeitos sociais na sociedade se mostraram visíveis, já que conscientizaram a população sobre a importância de separar o lixo e os benefícios da reciclagem, como preservação do meio ambiente, geração de riquezas através dos materiais reciclados, como vidro, alumínio, papel e plástico, e a diminuição significativa da poluição do solo, água e ar.

Por meio do Projeto Reciclar para Capacitar, foi desenvolvido um programa de formação básica, que ocorreu no primeiro trimestre de 2019, e orientou a realização da atividade do catador de forma segura, incluindo socialmente e culturalmente estas pessoas e fornecendo subsídio ao empreendedorismo social através do suporte no desenvolvimento de ações para organização de cooperativas. O programa de capacitação ensinou os profissionais a identificarem materiais com maiores e menores valores de venda, abrangendo toda a cadeia de materiais recicláveis, com indicações de segurança, manejo, riscos de saúde, e conhecendo a legislação que regulamenta o tratamento de resíduos recicláveis e as cooperativas no Estado de São Paulo. O curso envolveu também o suporte às cooperativas de catadores já existentes, com assessoria técnica de contabilidade, jurídica, administrativa e em economia solidária.

O programa de capacitação foi desenvolvido dentro de uma abordagem teórica e prática. Para o curso teórico, foi planejada uma carga horária de 40 horas. O programa das aulas práticas ocorreu dentro das cooperativas e despertou o engajamento dos educandos por conta da interatividade das atividades. Estas se relacionavam a aprendizagem prática no pátio, dos processos de triagem, prensa e armazenamento, identificação e qualificação dos produtos, observação das equipes de coleta, educação ambiental, logística reversa, relação dos cooperados com a comunidade e empresas, apresentação das Diretorias, Conselho Fiscal, Presidentes, Tesoureiros e Secretários, compreensão de suas funções, apresentação dos termos de adesão para a entrada na cooperativa, regimentos internos, e prevenção de acidentes no trabalho.

3.1. Coleta e Análise dos Dados

O levantamento de dados ocorreu por meio de entrevistas e análise documental durante o mês de outubro de 2019. Foram conduzidas 22 entrevistas semi-estruturadas, com roteiro desenvolvido a partir do modelo de avaliação de efeitos em programas de capacitação de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010).

Foram entrevistados 4 mobilizadores, sendo indivíduos contratados pela FIA que tinham como objetivo atrair os catadores e organizar as turmas de capacitação, cujos mesmos também eram catadores e líderes comunitários, 9 catadores que atuavam de forma organizada em cooperativas, sendo elas a Cooperleste e Coopamare, e 9 catadores autônomos que atuavam nas ruas e que foram entrevistados por meio da Associação Movimento Cultural de Tiradentes (Mocuti). A FIA e Coopamare estão localizadas na região de Pinheiros, a Cooperleste e Mocuti estão localizadas na região da Zona Leste de São Paulo.

A escolha dos entrevistados se deu pelo método *snowball* (bola de neve), cujos mobilizadores foram indicados pelos colaboradores da FIA. Posteriormente, os mobilizadores indicaram as cooperativas, a associação Mocuti, e as regiões onde poderiam ocorrer as entrevistas.

Nas cooperativas entrevistadas atuam cerca de 70 catadores na Cooperleste e 30 na Coopamare. Tanto os presidentes das duas cooperativas quanto da associação Mocuti foram entrevistados. Ao todo, foram 15 mulheres entrevistadas (68%) e 7 homens entrevistados (32%). As informações sobre o levantamento dos dados estão resumidas no Quadro 1.

Quadro 1 – Estrutura do Levantamento dos Dados

Entrevistados	Local	N	Sexo	Data	Gravação
Mobilizadores	FIA	4	2M, 2H	1ª Semana (outubro)	1h 37min
Catadores Cooperados	Cooperleste	5	4M, 1H		50 min
	Coopamare	4	2M, 2H	3ª Semana (outubro)	48 min
Autônomos	Mocuti	9	7M, 2H		1h 20min
Total	-	22	15M, 7H	-	4h 35min

Fonte: os autores.

A análise documental incluiu relatórios do projeto, emitidos pela FIA, que continham informações quantitativas e qualitativas referentes aos 2.120 catadores paulistas que participaram do programa de capacitação, como perfil sociodemográfico, informações referentes aos cursos oferecidos, depoimentos através de vídeos gravados pelos próprios catadores e outros atores envolvidos no fenômeno investigado, como a Prefeitura de São Paulo, a Amlurb e os colaboradores da FIA. Além dos relatórios da FIA, também foram utilizadas informações dos canais oficiais na internet sobre as experiências educacionais do projeto. Segundo Godoy (2007), esta é uma técnica de investigação analítica de materiais diversos que permite interpretações de um evento pertencente a determinado contexto histórico, social e econômico. Ao todo, foram levantados cerca de 20 arquivos de vídeos dos catadores a respeito de suas opiniões sobre o programa de capacitação, por meio de relatórios da FIA e dos próprios catadores, que estavam registrados em seus celulares, no aplicativo *WhatsApp*.

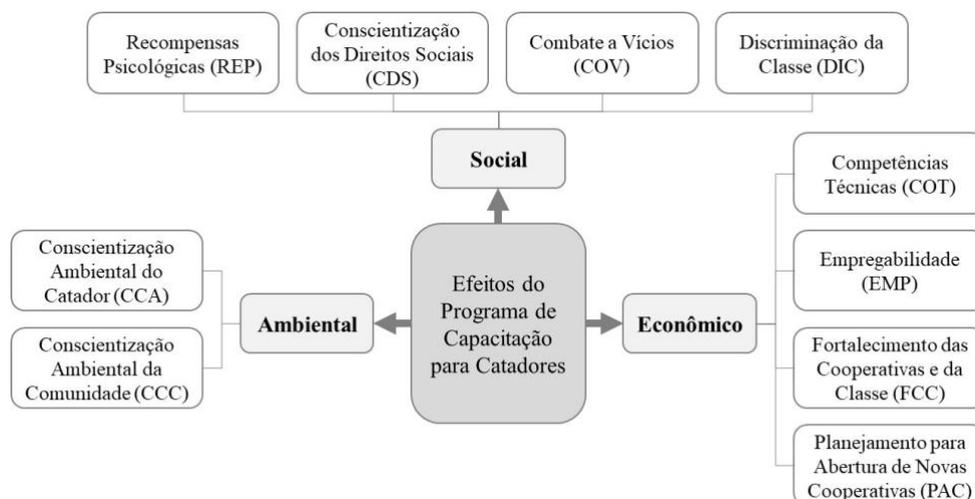
Na análise dos dados, os pesquisadores se inspiraram nas dimensões do modelo do *Triple Bottom Line* (1998), no modelo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), e no modelo da análise categórica de Flores (1994), que consiste nas etapas: (i) Redução dos dados, segmentando, categorizando e codificando os trechos textuais das entrevistas em agrupamentos que apresentam significados e relações em comum; (ii) Organização dos dados, transformando estes em informações apresentáveis, em tabelas e quadros (iii) Conclusão, extraindo significados relevantes para a pesquisa, por meio de análises, comparações, deduções e induções desses dados em seu contexto micro individual e macro social, institucional e político.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Do total de inscritos, houve um aproveitamento de 84% e reprovação de 16%, justificados por motivos diversos. Os catadores e seus familiares foram incluídos no Cadastro Único do Governo Federal (CadÚnico), entidade pública que cadastra cidadãos carentes que participam de programas sociais. Foram mapeadas necessidades dessa população indicando ações de desenvolvimento social. Durante o curso os catadores foram mobilizados e orientados sobre a importância de sua inserção e de seus familiares no sistema do CadÚnico para a garantia de seus direitos sociais.

Por meio da análise das entrevistas e dos arquivos dos vídeos levantados, foram identificadas 10 categorias a respeito da percepção dos catadores sobre os efeitos do programa de capacitação. Estas categorias foram construídas baseando-se no modelo categórico de Flores (1996), que foram previamente codificadas e, posteriormente, foram extraídos significados entre elas, relacionando-as com as dimensões ambiental, social e econômica do modelo teórico do *Triple Bottom Line*. O desenho geral da pesquisa está apresentado na Figura 2.

Figura 1 – Desenho Geral da Pesquisa



Fonte: inspirado no modelo categórico de Flores (1996) e nas dimensões do *Triple Bottom Line*.

Nas dimensões ambientais, a dimensão CCA está relacionada à conscientização do próprio profissional sobre sua relevância para o meio ambiente, através das atividades de reciclagem de materiais, coleta seletiva e auxílio ao processo da logística reversa. A dimensão CCC está relacionada a conscientização de familiares e comunidade que passaram a aderir as práticas ecológicas, como a coleta seletiva.

Nas dimensões sociais, a dimensão REP está relacionada às recompensas psicológicas por meio da motivação e reconhecimento da profissão do catador, através do certificado que simboliza orgulho, dignidade, valorização e senso de importância do catador. A dimensão CDS está relacionada a conscientização dos direitos enquanto cidadão, e a reivindicação de melhores políticas governamentais para a atividade profissional do catador. A dimensão COV está relacionada aos relatos de pessoas que diminuíram a ingestão de álcool e entorpecentes, e em condições de vulnerabilidade social, isto é, que eram ex-moradores de rua, e que foram empregados e residem de aluguel através do sustento da reciclagem. A dimensão DIC está relacionada aos relatos diversos de discriminação da classe, bem como o combate através da conscientização da comunidade, e mudança positiva de percepção do catador, antes visto de forma pejorativa como “catador de lixo” ou “catador de latinhas”.

Nas dimensões econômicas, a dimensão COT está relacionada a ampliação de novas competências e aperfeiçoamento daquelas existentes nas atividades rotineiras do catador, como manuseio, coleta e armazenagem. A dimensão EMP está relacionada a ampliação das oportunidades profissionais, através de contratações por meio de cooperativas e outras organizações. A dimensão FCC está relacionada a melhorias nas atividades de gestão dos processos internos das cooperativas, através do suporte de consultoria em gestão, bem como o fortalecimento da profissão por meio do combate à exploração do catador, em especial, dos catadores autônomos e que se mostram mais vulneráveis que os cooperados. A dimensão PAC está relacionada a aprendizagem sobre as ações e etapas necessárias para a abertura de novas cooperativas através do suporte de consultoria em gestão, já que uma parcela dos catadores autônomos estavam se organizando para a abertura de novas cooperativas.

Foram selecionados 96 relatos das entrevistas que contribuíram com a compreensão dos efeitos do programa de capacitação nos catadores, e que permitiram a identificação das 10 categorias citadas anteriormente – desses relatos, 39 são provenientes de mobilizadores, 31 relatos foram de catadores cooperados, sendo 15 da cooperativa Coopamare e 16 da cooperativa Cooperleste, e 26 relatos são provenientes de catadores autônomos, que atuam nas ruas. Por

meio do Quadro 2, é possível acompanhar a contagem de frequência dos 96 relatos dos entrevistados sobre as 10 categorias mapeadas, com o quadro organizado pelos grupos de entrevistados. Após o Quadro 2, a análise dos resultados se desenvolveu por meio de duas partes: (i) inicialmente, foi realizada uma análise geral das categorias entre os entrevistados aplicando-se o modelo avaliativo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), e (ii) posteriormente, foi realizada uma comparação das categorias entre os grupos de entrevistados – os mobilizadores, os cooperados da Coopamare, os cooperados da Cooperleste, e os catadores autônomos.

Quadro 2 – Panorama Geral dos Relatos dos Entrevistados

Categorias		Contagem de Frequência (Grupo de Entrevistado)				Total
		Mobiliz.	C. Coopamare	C. Cooperleste	C. Autônomos	
Ambiental	CCA	2	1	1	1	4
	CCO	7	2	1	3	14
Social	REP	2	1	1	3	7
	CDS	5	-	5	1	11
	COV	2	-	-	5	7
	DIC	4	3	4	1	12
Econômico	COT	2	4	1	3	10
	EMP	3	2	1	5	11
	FCC	8	1	1	2	12
	PAC	4	1	1	2	8
Total		39	15	16	26	96

Fonte: os autores.

5.1 Análise Geral das Categorias

Na dimensão social estão relacionadas as quatro categorias DIC, REP, CDS e COV. Sobre a primeira categoria, *discriminação da classe*, todos os grupos (12 relatos) identificaram situações em que já passaram por essa experiência. Assim, foi identificado que a marginalização dessa classe é intensamente sentida por todos os envolvidos:

“Uma vez a gente foi no banheiro de um supermercado e o gerente mandou a funcionária vir falar com a gente para a gente se retirar do ambiente porque ali não era o nosso lugar, a gente deveria utilizar os banheiros da prefeitura, postos de saúde” (Cooperada da Cooperleste)

“As pessoas viam o trabalho dos catadores como um mendigo, ladrão, um maloqueiro. Hoje, uma parte da sociedade ainda tem o preconceito, mas nós já conseguimos virar um pouco a página. As cooperativas nasceram para quebrar este preconceito, para dar uma dignidade para os catadores, no avanço da categoria. Hoje nós somos reconhecidos como uma categoria de catadores de material reciclável” (Presidente da Coopamare)

“E esse trabalho que sofreu muito com o preconceito, ele contribuiu muito com a sociedade, através dos resíduos coletados, que hoje 90% dos materiais que vai para a indústria, passa na mão dos catadores, seja ele organizado [em cooperativas] ou não [autônomos]. Eu não vejo uma categoria que faz tanto o bem para a sociedade, gerando renda com os materiais, para o poder público que passa a economizar com os caminhões para a coleta seletiva, e para o meio ambiente limpando bueiros, retirando garrafas plásticas e papelões que causam enchentes” (Presidente da Cooperleste)

Essa foi a única das 10 categorias que não se enquadrou em nenhum dos quatro níveis avaliativos de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010). Sobre a segunda categoria, *recompensas psicológicas*, houve relatos de todos os grupos (7 relatos) sobre os catadores terem se sentido

valorizados e reconhecidos por conta do curso, e alegando que mesmo que o curso não proporcionasse concretamente um emprego, teriam orgulho do certificado. Possivelmente, a falta de reconhecimento da atuação do catador pela sociedade é uma carência para essa população marginalizada. Essa categoria se mostrou alinhada com o nível 1, “reação”, do modelo avaliativo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), cujos capacitados reagiram ao programa de forma satisfatória, tendo afetado sua motivação e autoestima:

“Deus me deu essa oportunidade: eu coloquei no quarto e também na sala o certificado, de tanta felicidade em mostrar para a família” (Cooperada da Cooperleste)

“O curso permitiu eles conhecessem catadores de outras cooperativas, aumentar a visão e aprender um pouco mais conversando com outras pessoas” (Mobilizador)

“Ganhei até diploma. Eu fui no banco e a moça ficou perguntando e eu respondi para ela, ‘eu trabalho com reciclagem’” (Catadora Autônoma)

“Não sei se esse certificado vai valer alguma coisa para eu conseguir um emprego melhor, mas que eu vou colocar ele na parede da minha casa, ah eu vou!” (Catadora Autônoma)

Sobre a terceira categoria, *conscientização dos direitos sociais*, que foi trabalhada no programa de capacitação, os participantes constataram que ainda persiste uma ausência de políticas públicas que deem mais suporte ao catador, tendo sido exposto por meio de 11 relatos, com exceção dos cooperados da Coopamare. Enquanto os mobilizadores identificaram a falta de políticas públicas especificamente voltadas para os catadores, estes por sua vez também sentem falta de ações públicas que educassem a população em geral sobre o descarte correto do lixo, o que facilitaria e reduziria os riscos de trabalho dos catadores. Esta categoria se mostrou alinhada com o nível 2, “aprendizagem”, do modelo avaliativo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), cujos capacitados adquiriram conhecimentos sobre direitos cívicos:

“Têm muitos em situação de rua, de baixa renda, beneficiários do Bolsa Família. Muitos deles levam as crianças, a questão do trabalho infantil. Muitos colocavam as crianças na lixeira para elas pegarem o material, já que ela é pequena. E a criança saía, e saía a ratazana atrás” (Presidente da Mocuti)

Sobre a quarta categoria, *combate a vícios*, mobilizadores e catadores autônomos (7 relatos) reconheceram que há problemas de dependência de álcool e entorpecentes, e que o curso ajudou essas pessoas a combaterem o vício, pelo menos durante o período em que o curso aconteceu. Vícios são um dos motivos que levam os indivíduos a se afastarem de suas famílias e morarem nas ruas. Como houve uma parceria com abrigos públicos, algumas pessoas foram encaminhadas e conseguiram sair das ruas. Percebe-se nesta categoria um alinhamento nos níveis 3 e 4, respectivamente “comportamento” e “resultados”, do modelo avaliativo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), pois foi verificada uma real contribuição do curso na mudança comportamental dos capacitados e nos resultados de políticas governamentais colaborando com ações de assistência social e saúde pública por meio da diminuição dessas pessoas vulneráveis em situação de rua:

“E teve o exemplo do seu Antônio, alcoólatra e usuário de alucinógenos. Hoje em dia ele trabalha a noite em São Mateus, e durante o dia coleta material puxando o carrinho dele” (Catador Autônomo)

“E o Gilberto? Ele caiu na malha fina das drogas, mas resolveu fazer o curso, depois que terminou ele começou a trabalhar como ambulante vendendo doce” (Catador Autônomo)

A dimensão ambiental foi dividida nas categorias CCA, *conscientização ambiental dos catadores*, com 4 relatos sobre ela, com exceção dos cooperados da Coopamare, e CCO, *conscientização ambiental da comunidade*, com 14 relatos de todos os grupos, sendo esta última relacionada aos efeitos positivos do curso de forma ampliada, já que os próprios familiares e

outros interessados também participaram do programa de capacitação. Percebe-se nas duas categorias um total de 18 relatos e o alinhamento com os níveis 2, 3 e 4, respectivamente “aprendizagem”, “comportamento” e “resultados”, do modelo avaliativo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), por meio da aprendizagem do manuseio e separação dos resíduos, na mudança comportamental sustentável dos capacitados, e em amplas ações de conscientização comunitária para a valorização da atuação do catador no progresso social e do meio ambiente:

“O meu desejo é limpar o meio ambiente, porque do jeito que está São Paulo e Brasil, nossa senhora. Infelizmente, as pessoas não têm consciência também, imagina se todo o material que tivesse no Rio Tietê, viesse para as cooperativas [para ser reciclado], como que a gente estaria hoje em dia em São Paulo?” (Presidente da Cooperleste)

“A educação ambiental foi divulgada pela cidade porque as 2.200 pessoas que passaram pelo curso, eu tenho certeza que mais de 10.000 moradores da cidade de São Paulo tiveram conhecimento do que é a reciclagem, o material e sua destinação correta, do que é o catador” (Mobilizadora)

Para alguns, a contribuição dos catadores para o meio ambiente não era tão clara, e o curso ajudou nessa conscientização. Quanto à categoria CCO, que se estende a familiares e comunidade, todos os grupos de entrevistados relataram que os efeitos dos esclarecimentos do curso sobre a questão ambiental, especialmente a separação correta do lixo, atingiu a família dos capacitados, a vizinhança onde os catadores atuavam e a comunidade de uma forma ampla:

“A minha prima mesmo tinha o hábito de jogar tudo no lixo, e semana passada, quando cheguei lá na casa dela, vi que o lixo dela estava todo separado nos saquinhos, em quatro sacolas, de vidro, de papel, e outros materiais” (Cooperado da Coopamare)

“Tiveram catadores que trouxeram a família inteira para o curso. Eu, por exemplo, inscrevi minhas três meninas no curso e hoje trabalham comigo, na cooperativa” (Cooperada da Cooperleste)

“Como saber separar o material dentro de casa, né? Muitas vezes as pessoas não sabem o que é reciclagem, e jogam tudo lá dentro do lixo, e quebram vidro. Dentro de casa, saber separar o que é seco do úmido, isso é muito bom, o processo socioeducativo do curso” (Mobilizador)

“Antigamente era complicado, as pessoas não queriam nem saber, jogavam tudo de qualquer forma no lixo e achava que tudo era lixo. Hoje em dia não, a gente passa na comunidade e o material está todo separado para a gente coletar” (Cooperada da Coopamare)

“Principalmente no comércio, quando eu comecei a andar com quarenta pessoas no bairro, nós vimos a mudança. Num primeiro momento não deu, mas depois, com eles ficando sabendo do curso, já começaram a separar o material para os catadores, o cara já separava papel, seco, molhado, então o comércio do bairro já começou a sentir isso, entendeu?” (Mobilizador)

Na dimensão econômica estão relacionadas as quatro categorias COT, EMP, FCC e PAC. Sobre a categoria *competências técnicas*, nota-se que todos os grupos (10 relatos) concordam que o curso promoveu ensinamentos técnicos de separação e identificação de materiais com maior valor, conhecimento sobre o processo de reciclagem e organização em cooperativas, aos quais os participantes parecem não terem tido acesso de outra forma, apresentando um alinhamento com os níveis 2 e 3, respectivamente “aprendizagem” e “comportamento”, do modelo avaliativo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010):

“Esse curso trouxe conhecimentos novos para eles. Ele falou sobre a importância de se unir, o que é o cooperativismo, o que é economia solidária, o que é resíduo, então foi um curso bem legal porque as pessoas aprenderam o ‘porquê’ elas tinham que se organizar e o como elas poderiam fazer isso, as várias formas. Então ele deu um norte para as pessoas, do que é ser um catador, e o que um catador faz, e as várias formas dele se organizar, se ele quer trabalhar de forma coletiva ou individual, como autônomo, mas de uma forma consciente e organizada” (Cooperada da Coopamare)

“Foi através da reciclagem que pude criar meus dois filhos, que são adolescentes, foi de lá que tirava meu sustento, mas foi aquilo, eu não sabia separar os materiais direito, eu misturava tudo, para mim eu achava que poderia misturar tudo para a reciclagem” (Catadora Autônoma)

“Nunca pensei que a gente poderia aproveitar tudo aquilo [que o lixo oferece]. Foi um impacto e a partir do curso, passei a separar melhor o lixo para a reciclagem” (Cooperada da Coopamare)

Sobre a categoria *empregabilidade*, todos os grupos ampliaram sua capacidade empregatícia, em especial, os catadores autônomos, relatando (11 relatos) casos de pessoas que encontraram trabalho não apenas em cooperativas, mas também em empresas relacionadas ao setor alimentício, comercial, serviços gerais, indústria de vidro, dentre outros setores. Nesta categoria, percebe-se um alinhamento com o nível 4, “resultados”, do modelo de Kirkpatrick e Kirkpatrick (2010), trazendo desenvolvimento de renda e novas oportunidades profissionais para a classe dos catadores:

“Têm pessoas que fazendo o curso conseguiram emprego de faxineira, melhorou o currículo. Hoje tem gente trabalhando no McDonald's de madrugada, tem gente trabalhando em outros serviços, e tem quem foi para a cooperativa. Eu mesmo, fiz o curso e fiquei mais um pouquinho trabalhando na cooperativa. Depois fui empregado em uma empresa e hoje eu trabalho consertando elevadores” (Mobilizador)

“Teve um rapaz que conheci, que catava vidro na Vila Madalena, que conseguiu entrar numa empresa. Essa mesma empresa, que é uma empresa de vidros, recrutou outros cinquenta catadores que realizaram o curso” (Presidente da Coopamare)

“Aqui, nessa cooperativa, foram absorvidas dez pessoas que estavam em situação de rua e que fizeram o curso. Se pudesse, dava apoio a todos os necessitados, mas infelizmente a cooperativa não consegue comportar e empregar todos” (Presidente da Cooperleste)

“Hoje a gente está em um estado lamentável de emprego, e isso é uma oportunidade de emprego [ser catador], de ter dignidade, já que o emprego é uma forma de dignidade. Sem a renda a gente é o que no mundo? A gente consegue fazer o que?” (Catadora Autônoma)

Sobre a categoria *fortalecimento das cooperativas e da classe*, o curso ensinou sobre os prejuízos que o uso de alguns atravessadores (intermediários) podem causar à renda dos catadores. Todos abordaram (12 relatos) sobre os malefícios de lidar com atravessadores ou ferros-velhos em vez de vender diretamente para a indústria. Estes comentaram também sobre a importância do valor do trabalho em equipe aprendido no curso, e em como colocar isso em prática em prol do fortalecimento e união da cooperativa e da classe profissional. Diversos benefícios almejados como aumento de renda, maior capacitação e ganho de escala só são possíveis quando os catadores estão organizados entre si de alguma forma:

“A gente vende o quilo da latinha por R\$ 4,50 mais ou menos, mas lá nos ferros-velhos eles costumam pagar R\$ 2,50 mais ou menos. Melhor seria a gente vender diretamente para a indústria e não por meio desses atravessadores” (Presidente da Coopamare)

“Alguns catadores estão mais conscientes contra a exploração e sabem que agora podem vender por um preço justo o seu material, e não por um preço injusto” (Cooperado da Coopamare)

“Um outro ponto positivo foi a aproximação de várias pessoas em torno do assunto, CRAS, CREA, a prefeitura, os albergues, as cooperativas, a FIA, aproximamos poder público com uma universidade, com o movimento dos catadores” (Mobilizadora)

Alguns entrevistados identificaram que apesar dos atravessadores pagarem menos pelo material, eles pagam na hora. Isso os torna atrativos aos catadores que têm pressa, pois muitos têm problemas de vício e insegurança alimentar. Ao que parece, os atravessadores exploram a posição de vulnerabilidade social de alguns catadores para pagarem menos pelo trabalho do catador:

“Infelizmente, alguns rapazes que trabalham na rua, que não são conscientizados e viciados, vem para o ferro-velho porque eles querem o dinheiro na hora, já que nas cooperativas eles teriam que esperar trinta dias para receber” (Catador Autônomo)

“Quando você vai vender para o depósito, tem que tomar muito cuidado com atravessadores, porque eles dão até cachaça para você e pegam o seu material” (Mobilizador)

Sobre a categoria *planejamento para abertura de novas cooperativas*, os mobilizadores e presidentes de cooperativas foram os que mais contribuíram com os comentários (8 relatos), talvez porque já estejam mais familiarizados em relação a essas atividades. Ressalta-se que houve atividades no curso que incentivaram essa ação, resultando no desejo de alguns catadores autônomos em se organizarem e abrirem suas próprias cooperativas. O programa de capacitação proporcionou consultoria especializada em gestão para educar os catadores sobre as etapas necessárias para a abertura de uma cooperativa:

“Teve uma parte do curso que a gente dividia a sala em quatro ou cinco grupos e pedia para eles pensarem numa forma de cooperativa em um segmento, então saiu várias coisas legais, saiu cooperativa de óleo de cozinha, de marcenaria e reaproveitamento de móveis, de artesanato, foi bem criativo... Teve um grupo que entendeu o exercício e se focaram de tal ponto que eles estão decididos a abrirem uma cooperativa de reaproveitamento de móveis” (Mobilizador)

“O curso foi bom principalmente para os catadores não organizados [autônomos]. Eles tiveram a experiência coletiva, viram como funciona uma cooperativa por dentro, as regras, se sentiram donos do negócio, já que uma cooperativa não tem patrão, né?” (Presidente da Coopamare)

Dessa forma, ambas as categorias FCC (fortalecimento de cooperativas de classe) e PAC (planejamento para abertura de novas cooperativas) se alinham ao nível 4, “resultados”, por meio do fortalecimento da gestão e atuação de cooperativas já existentes, bem como de atividades de suporte e consultoria para os catadores autônomos, interessados em abrirem suas próprias cooperativas. Essas categorias são responsáveis pela geração de efeitos positivos em curto prazo por meio da organização e progresso econômico das cooperativas, e efeitos positivos em médio e longo prazo para as comunidades ao seu entorno, trazendo desenvolvimento sustentável para esses locais, e progresso social, econômico e ambiental aos moradores afetados por essas ações.

5.2 Comparação das Categorias entre os Grupos de Entrevistados

Pelos relatos das entrevistas, o grupo de mobilizadores demonstrou maior consciência sobre as questões ambientais (CCA e CCO) e os benefícios do trabalho do catador para o meio ambiente e a sociedade. Este grupo também possui elevada consciência, junto ao grupo de cooperados da Cooperleste, sobre os desafios sociais enfrentados pelos catadores quando o assunto é conscientização dos direitos sociais (CDS) e discriminação da classe (DIC). Os mobilizadores se mostraram esclarecidos sobre a falta de apoio do poder público a sua classe, sendo visto com muito criticismo por eles, já que para eles, o seu trabalho cria impacto ambiental positivo e abrangente na capital paulista:

“Hoje um dos maiores inimigos do catador não é tanto o ferro-velho, mas sim a falta de política pública, com as leis, que já existem, mas que não são cumpridas e incentivadas” (Mobilizadora)

“Para mim, é ‘burrocracia’ e falta de vontade [da prefeitura], é pegar a caneta e dizer, ‘tem a lei dos catadores, então vamos incentivar as atividades deles’” (Mobilizadora)

Este grupo também se mostrou mais esclarecido em relação aos outros grupos sobre questões administrativas de fortalecimento das cooperativas existentes e planejamento de novas cooperativas, talvez por já estarem em contato a mais tempo com essas atividades.

Os catadores cooperados da Coopamare se mostraram o grupo menos esclarecido sobre as questões sociais, em especial sobre as categorias sociais CDS e COV, já que não houve nenhum relato. Porém, foi o grupo que mais relatou sobre a categoria *competências técnicas* (COT),

comentando que buscaram aproveitar ao máximo a experiência de aprendizagem que o curso trouxe, e como funcionava toda a cadeia de reciclagem e coleta seletiva:

“Têm dois anos que estou aqui [na cooperativa] e não entendi muito bem como funcionava todo o processo de reciclagem, e lá no curso eu fui entender um pouco” (Cooperada da Coopamare)

“Nós fizemos um papel de eles conhecerem o próprio bairro deles, de ver aonde está o material, como está o material, a gente começou a andar próximo as regiões e eles verem onde é feito o descarte regular, como é feita as coisas” (Presidente da Coopamare)

Ainda em relação a categoria COT, os cooperados da Coopamare também enfatizaram que durante o programa de capacitação aprenderam de forma mais aprofundada como separar os tipos específicos de materiais coletados:

“Apesar de já saber separar vários materiais na prática, eu aprendi a separação de outros materiais também, que eu não conhecia, em especial, dos tipos diferentes de plásticos que encontramos nas ruas, como o PP [polipropileno], PEBD [polietileno de baixa densidade] ou o PEAD [polietileno de alta densidade]” (Cooperado da Coopamare)

Os catadores cooperados da Cooperleste, diferente dos cooperados da Coopamare, possuem maior conscientização social em relação a categoria DIC, apontando muitos relatos de discriminação e ignorância por parte de pessoas que desconhecem o trabalho dos catadores:

“Para você ver o grau de ignorância, tem vezes que a gente chega nas portas e o povo fica gritando ‘olha lá a mendiga, a catadora de lixo’, eles não sabem diferenciar que isso é um material reciclável, e não lixo orgânico. Desse material a gente tira o sustento da gente, a gente vai pegar lata de alumínio, o plástico, o ferro, o papelão, o jornal” (Cooperado da Cooperleste)

“A nossa sociedade foi incentivada a consumir, consumir, consumir, e aí vem uma varinha mágica toda semana, e leva todo aquele lixo embora, as pessoas não se preocupam para onde esse material está indo, nós somos atores invisíveis” (Presidente da Cooperleste)

Os catadores cooperados da Cooperleste, diferente dos da Coopamare, também possuem maior esclarecimento em relação a categoria CDS, criticando tanto as ausências do poder público como a falta de consciência sustentável da população. Estes, inclusive, sugeriram que os conhecimentos do curso fossem divulgados para a sociedade como um todo a fim de reverter este quadro:

“A prefeitura poderia educar melhor o povo de São Paulo. Os caminhões que chegam aqui para a coleta seletiva da cooperativa, cerca da metade do material é descartado. Diariamente a gente tem problemas nas esteiras de separação porque tem muito lixo orgânico, resto de comida, fezes de animais, e até mesmo material hospitalar, como seringas usadas” (Cooperada da Cooperleste)

Quanto ao grupo dos catadores autônomos, constatou-se que esse grupo relatava constantemente que não via futuro no emprego de catador. Isso não aconteceu com os catadores cooperados, provavelmente porque a condição de trabalho de cooperados seja vista como mais estável e com menor vulnerabilidade:

“Hoje a situação do catador autônomo é tão delicada porque muitos não têm nem o carrinho para coletar os materiais, e quando têm os carrinhos deles são furtados” (Presidente da Mocuti)

Assim, percebe-se claramente que essa questão da vulnerabilidade refletiu nas dimensões econômica e social, na primeira porque esse grupo se mostrou o mais exposto ao desemprego, falta de renda e a exploração de atravessadores, tendo sido o grupo que mais relatou sobre *empregabilidade* (EMP), e a segunda porque foi nesse grupo a maior quantidade de relatos de casos de usuários de entorpecentes, isto é, da categoria *combate a vícios* (COV), talvez porque sejam os mais expostos a esse problema, além dos relatos constantes sobre a importância das parcerias com outros programas, abrigos e instituições sociais, que os auxiliaram no combate a esses vícios e em retornarem para suas famílias:

“Têm muitos catadores de rua que tem problema mental, vícios, e em alguns ferros-velhos, nem todos, só aqueles que não trabalham direito, eles acabam explorando esse pessoal através desses problemas que eles apresentam” (Presidente da Mocuti)

“E também têm muitas pessoas que estavam em situação de rua e foram acolhidos por abrigos depois da finalização do curso, porque teve uma parceria com o próprio centro de acolhimento. Algumas pessoas voltaram para as famílias, outras infelizmente retornaram para as ruas, já que é impossível chegar aos 100%” (Presidente da Mocuti)

Ainda em relação a dimensão social, os catadores autônomos valorizaram bastante a oportunidade de realizar o curso e o contato com outros catadores em um ambiente não competitivo. Talvez por serem autônomos enxergam a profissão de catador como uma grande competição, o que difere dos cooperados. Além disso, relataram que conheceram novos colegas catadores, de cooperativas, proporcionando maior aprendizado colaborativo, um senso de fortalecimento e união, e de reconhecimento da classe profissional, o que por sua vez refletiu no grupo que mais relatou sobre *recompensas psicológicas* (REP):

“Conheci pessoas novas e melhorou minha autoestima. Tem muita gente que tem vontade de trabalhar, mas não está tendo essa oportunidade como a gente” (Catadora Autônoma)

Quanto à dimensão ambiental, foi o segundo grupo que mais compartilhou conhecimentos com familiares e comunidade, atrás apenas do grupo de mobilizadores:

“Depois que eu fiz o curso e adquiri os conhecimentos, aí eu fui passando para os meus filhos, meus genros, minhas noras, e hoje todo mundo colabora [com a coleta seletiva]” (Catadora Autônoma)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou avaliar os efeitos de um programa de capacitação em sustentabilidade oferecido para catadores de materiais recicláveis que atuam na cidade de São Paulo. Notou-se que cada grupo trouxe consigo uma bagagem diferente de experiências. Isso fez com que eles percebessem de forma distinta os efeitos do programa de capacitação. Constatou-se de uma forma geral que, o oferecimento de um conhecimento básico acessível a todos os participantes do programa resultou em contribuições nos níveis econômico, social e ambiente.

Do ponto de vista econômico, foram relatadas melhorias nas funções cotidianas desse profissional como o processo de separação dos resíduos, identificação daqueles que apresentam maiores valores financeiros, entendimento de como funciona a cadeia de reciclagem, coleta seletiva, economia solidária e logística reversa, o processo de armazenagem e preservação dos materiais, a proteção sobre possíveis resíduos que causam danos à saúde do catador, como o hospitalar. Sobre a empregabilidade, não só as cooperativas absorveram parte desse quadro de capacitados, como outras organizações de setores diversos, como a industrial e serviços.

Quanto aos efeitos sociais, foram relatadas melhorias na imagem profissional do catador, através da conscientização dos *stakeholders* sobre a sua atuação para as diferentes camadas sociais, desde a comunidade local até a sociedade e o meio ambiente. Diversos entrevistados mostraram-se motivados e valorizados por meio da representação simbólica do certificado do curso. Entretanto, relataram também um histórico considerável de discriminação contra essa classe confirmando os diferentes desafios enfrentados por esses profissionais.

Ainda sobre os efeitos sociais, o curso trouxe desenvolvimento crítico-reflexivo estimulando a reivindicação de melhores condições de trabalho para as entidades governamentais, em especial, as políticas públicas da prefeitura de São Paulo. Outro ponto positivo foi a melhoria nas taxas de pessoas que fazem o uso indevido de álcool e psicoativos e também em condições de vulnerabilidade social, cujos relatos mostraram a redução dessas substâncias por alguns capacitados durante o curso e depois que foram empregados, e outros que moravam nas ruas e retornaram as suas famílias.

Pela perspectiva ambiental, a principal contribuição foi o ganho de conscientização a respeito da relevância da atuação do catador para a sociedade e o meio ambiente, começando pelo próprio catador até aos familiares, vizinhos e comunidades locais que passaram a aderir as práticas ecológicas, através da separação dos materiais recicláveis para a coleta seletiva, comerciantes locais passaram a separar e organizar os materiais recicláveis facilitando e valorizando o trabalho do catador nas comunidades.

Quanto ao fortalecimento das cooperativas e da classe, os entrevistados relataram o aumento de parcerias das cooperativas com órgãos públicos e privados – como Amlurb, prefeitura de São Paulo e a FIA. Ademais, competências sobre gestão foram incorporadas aos processos internos das cooperativas aperfeiçoando a sua gestão, bem como a conscientização sobre a importância de se unirem a fim de combaterem possíveis explorações no mercado, advindos de atravessadores. Tais ações permitiram maior competitividade do catador cooperado que passou a vender diretamente para a indústria. Já os catadores autônomos, uma parcela relatou que está se unindo e planejando para abrir novas cooperativas em sua comunidade.

Dentre as limitações da pesquisa, destaca-se o foco na percepção do catador em relação aos efeitos do programa de capacitação em suas vidas e comunidades locais. Assim, como sugestão para pesquisas futuras, novas percepções advindas de atores secundários poderiam ser analisadas com o intuito de expandir a visão do fenômeno pesquisado e dos efeitos sustentáveis do programa de capacitação – como exemplos, poderiam ser entrevistados os docentes responsáveis pelos cursos teórico e prático, os empregadores que trouxeram novas oportunidades profissionais na vida dessas pessoas, e os próprios familiares através da investigação de possíveis mudanças na estrutura familiar após a finalização do curso. Por fim, novas pesquisas como esta poderiam ser replicadas em outras regiões nacionais, dado a relevância econômica, social e ambiental da atuação dos catadores de materiais recicláveis para o país.

REFERÊNCIAS

- Aragon-Correa, J. A., Marcus, A., Rivera, E., & Kenworthy, A. I. (2017). Sustainability management teaching resources and the challenge of balancing planet, people, and profits. *Academy of Management Learning & Education*, v. 16, n. 3, p. 469-483.
- Barki, E., Izzo, D., Torres, G., & Aguiar, L. (2017). *Negócios com impacto social no Brasil*. Ed. Peirópolis.
- Barki, E., Comini, G., Cunliffe, A., Hart, S., & Rai, S. (2015). Social entrepreneurship and social business: retrospective and prospective research. *Revista de Administração de Empresas*, v. 55, p. 380-384.
- Decreto n. 7.405, de 23 de dezembro de 2010. (2010). Institui o programa Pró-Catador. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7405.htm. Acesso em 25/12/2020.
- Dossa, A., & Segatto, P. (2010). Pesquisas cooperativas entre universidades e institutos públicos no setor agropecuário brasileiro: um estudo na Embrapa. *Revista da Administração Pública*, 44 (66), p. 1327-1352.
- Dutra, J. S., Fleury, T. L., & Ruas, R. (2008). *Competências: conceitos, métodos e experiências*. SP: Atlas.
- Elkington, J. (1998). *Cannibals with forks: The Triple Bottom Line of 21st century business*, 2nd ed., Capstone Publishing Ltd, Oxford.
- Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo – FEA-USP. (2020). FIA. Disponível em: <https://www.fea.usp.br/administracao/fia>. Acesso em: 25/04/2021.

- Fleury, M. T. L., & Fleury, A. (2001). Construindo o conceito de competência. *Revista de Administração Contemporânea – RAC*, Rio de Janeiro, v. 5, edição especial.
- Flores, J. G. (1994). *Análisis de dados cualitativos: aplicaciones a la investigación educativa*. Barcelona: PPU, p. 7-107.
- Franco, G. M., Sigahi, T. F. A. C., & Saltorato, P. (2018). Autogestão, politecnia e organização do trabalho: um estudo etnográfico em uma cooperativa de reciclagem de Sorocaba/SP. *Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 2-20.
- Godoy, A. S. (2007). Estudo de caso qualitativo. In: Godoi, C. K., Bandeira-de-Mello, R., & Silva, A. B. (orgs). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais*. SP: Saraiva, p. 115-146.
- Laasch, O., Moosmayer, D., Antonacopoulou, E., & Schaltegger, S. (2020). Constellations of transdisciplinary practices: a map and research agenda for the responsible management learning field. *Journal of Business Ethics*, 162, p. 735-757.
- Lei n. 5.764, de 16 de dezembro de 1971*. (1971). Define a política nacional de cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15764.htm. Acesso em 02/03/2021.
- Lei n. 12.690, de 12 de julho de 2012*. (2012). Dispõe sobre a organização das cooperativas e o Programa Nacional de Fomento às Cooperativas – PRONACOOOP. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112690.htm. Acesso em 20/04/2021.
- Lei n. 12.305, de 2 agosto de 2010*. (2010). Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em 02/03/2021.
- Lengyel, A., Kovács, S. S. S., Dávid, L. D., Bába, E. B., & Müller. (2019). Assessing the essential pre-conditions of na authentic sustainability curriculum. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, v. 20, n. 2, p. 309-340.
- Monje-Reyes, P. (2011). Economía solidaria, cooperativismo y descentralización. *Cadernos EBAPÉ.BR*, v. 9, n. 3, art. 2, p. 704-723.
- Parry, S. B. (1996). The quest for Competencies. *Training*, July
- Pinhel, J. R. (2013). *Do lixo à cidadania: Guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis*. IPESA – Instituto de Projetos e Pesquisas Socioambientais. Ed. Peirópolis.
- Teodósio, A. S. S. (2014). Organizações da sociedade civil. In: Boullosa, R. F. (org.). *Dicionário para a formação em gestão social*. Salvador: CIAGS/UFBA, p. 128-132.
- United Nations Development Programme*. (2021). The sustainable development goals. Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/en/home/stories/decade-of-action/>. Acesso em: 10/05/2021.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. 5ª ed., Bookman.
- Waddock, S., & Lozano, J. M. (2013). Developing more holistic management Education: lessons learned from two programs. *Academy of Management Learning & Education*, v. 12, p. 265-284.